

Putin rompe trégua com mega-ataque na Ucrânia

Bombardeio foi centrado em Kiev e Kharkiv, provocando blecautes

/ GUERRA DA UCRÂNIA

Na véspera de mais uma rodada de negociações de paz com a Ucrânia mediadas pelos Estados Unidos, a Rússia rompeu a trégua parcial acertada entre Vladimir Putin e Donald Trump e promoveu um mega-ataque contra o rival na madrugada de ontem.

A ação veio um dia depois de o presidente americano fechar um acordo comercial com a Índia na qual Nova Déli, segundo ele, prometeu cortar a compra de petróleo russo. "Isso vai acabar com a guerra", afirmou Trump.

O russo havia prometido poupar o sistema energético do rival, que enfrentou temperaturas de cerca de -20°C à noite. Ao longo da segunda-feira, não havia atacado nenhum alvo relevante. Isso acabou, segundo nota do próprio Ministério da Defesa russo. Na conta dos ucranianos, foram lançados 450 mísseis, 92% dos quais acabaram abatidos, e 71 mísseis, dos quais 47% atingiram alvos.

Com a ação, houve blecautes em algumas partes do país, inclusive na capital, Kiev, embora não na escala vista nas últimas semanas. Mas o ataque foi forte: entre os mísseis, foram empregados alguns modelos hipersônicos Kinjal e Tsirkon, esse raramente usado.

O bombardeio foi centrado nas duas maiores cidades da Ucrânia, Kiev e Kharkiv. Há relatos de feridos, mas como a ação seguiu pontualmente ao longo da manhã, não foi revelado um balanço final. Ele ocorreu poucas horas após Trump dar declarações otimistas sobre as conversas que irão recomeçar hoje em Abu Dhabi. "Eu acho que estamos indo muito bem com a Ucrânia e a Rússia. Pela primeira vez digo isso. Acho que nós



Mark Rutte visitou o presidente Zelensky, ontem, em Kiev

teremos, talvez, algumas boas notícias", afirmou.

Trump havia dito que a pausa ocorreria devido às baixíssimas temperaturas da Ucrânia, já que os ataques têm sistematicamente cortado energia, aquecimento e fornecimento de água para os moradores de cidades maiores.

Já o Kremlin havia confirmado que suspenderia ataques, mas para desanuviar o clima para as conversas, que estavam previstas para o domingo, mas nunca parou de fato de agir, com exceção da segunda.

Há um padrão aqui. Os russos costumam promover ataques mais intensos na guerra que iniciaram há quase quatro anos sempre que há um evento relevante na seara política, seja encontros entre aliados de Kiev ou tentativas de negociação.

É uma forma, na visão russa, de demonstrar determinação num momento crucial da guerra. A questão do petróleo irritou particularmente o Kremlin, segundo a reportagem ouviu de uma pessoa próxima do governo russo nessa terça.

Oficialmente, a reação foi de esperar para ver. "Não ouvimos nenhuma declaração do lado indiano sobre isso. O que mais importa é nossa relação estratégica com a Índia", afirmou o porta-voz Dmitri Peskov. As conversas marcadas para Abu Dhabi também vêm sendo precedidas pelo que é percebido como movimentos inacreditáveis pelos russos.

O jornal britânico Financial Times publicou ontem que as garantias de segurança trabalhadas para que a Rússia não volte a atacar a Ucrânia preveem um plano que, no limite, obrigaria a Otan a entrar em guerra com Moscou.

O secretário-geral da aliança militar ocidental, o holandês Mark Rutte, disse que acabar com o conflito implica "escolhas difíceis", o que inclui concessões territoriais de Kiev na prática. Ele afirmou que hoje os europeus fornecem 90% da munição antiaérea de Volodymyr Zelensky, comprada dos EUA por meio de um programa bolado por Trump para não ajudar gratuitamente os ucranianos. Rutte foi até Kiev ontem visitar Zelensky.

Macron diz que prepara diálogo com líder russo

O presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou que estão em curso os preparativos para uma eventual conversa com o líder russo, Vladimir Putin, em meio aos esforços diplomáticos para discutir o fim da guerra na Ucrânia. Segundo a imprensa francesa, Macron afirmou ontem a repórteres que há "discussões técnicas em andamento" e que o tema

também vem sendo tratado com parceiros europeus e com o presidente Volodymyr Zelensky.

O chefe do Estado francês acrescentou que as conversas fazem parte de iniciativas mais amplas conduzidas no âmbito da chamada "Coalizão dos Dispostos", voltadas à construção de garantias de segurança para Kiev e a um possível encerramento do conflito. Apesar dis-

so, Macron evitou indicar quando o diálogo com Putin poderia ocorrer.

Macron já havia dito, no começo do mês passado, que pretendia conversar com o líder russo "o mais rápido possível". Em dezembro de 2025, ele criticou o formato atual das negociações sobre a Ucrânia, conduzidas sobretudo por negociadores dos EUA sem a participação direta da Europa.

Agentes do ICE em Minneapolis passarão a usar câmeras corporais

/ ESTADOS UNIDOS

Todos os agentes do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos atuando em Minneapolis, incluindo os do Serviço de Imigração e Alfândega (ICE, na sigla em inglês), receberão imediatamente câmeras corporais, disse a secretária da pasta, Kristi Noem. A medida vem após as mortes a tiros de dois cidadãos americanos por agentes federais.

Noem afirmou que o programa de câmeras corporais está sendo expandido para todo o país à medida que os recursos forem disponibilizados. "Vamos adquirir e distribuir rapidamente câmeras corporais para as forças policiais do Departamento de Segurança Interna em todo o país", disse Noem em uma publicação nas redes sociais.

A notícia sobre as câmeras corporais surge em um momento em que Minneapolis tem sido alvo de intenso escrutínio sobre a conduta de agentes federais, após dois cidadãos americanos que protestavam contra as medidas de imigração na cidade terem sido baleados e mortos. Este é o esforço mais recente do presidente Trump para aliviar as tensões após os tiroteios e de-

monstrar que está respondendo aos pedidos de responsabilização.

O departamento não respondeu se algum dos agentes do ICE presentes no local do assassinato de Renee Good, no início de janeiro, estava usando câmeras corporais. Os tiroteios e a narrativa propagada por alguns membros do governo desencadearam indignação e exigências de responsabilização, inclusive entre alguns republicanos.

Trump enviou Tom Homan para Minneapolis para assumir o controle das operações na cidade, substituindo o comandante da Patrulha da Fronteira, Gregory Bovo, que se tornou alvo de críticas nas diversas operações em que participou em cidades como Chicago e Los Angeles.

O Departamento de Justiça também abriu uma investigação federal sobre direitos civis relacionada ao assassinato de Pretti - um enfermeiro envolvido nos protestos -, o que não aconteceu no caso de Renee Good. Os críticos do Departamento de Segurança Interna têm intensificado os apelos para que seja obrigatório o uso de câmeras corporais por todos os agentes responsáveis pela fiscalização da imigração.

Espanha vai proibir acesso às redes sociais para menores de 16 anos

/ EUROPA

A Espanha planeja proibir o acesso às redes sociais para menores de 16 anos e as plataformas serão obrigadas a implementar sistemas de verificação de idade. A informação foi dada pelo primeiro-ministro Pedro Sánchez ontem, ao anunciar medidas para garantir um ambiente digital seguro.

O governo de coalizão de esquerda de Sánchez tem reclamado repetidamente da proliferação de discursos de ódio, conteúdo pornográfico e desinformação nas redes sociais, afirmando que isso tem efeitos negativos sobre os jovens. "Nossos filhos estão expostos a um espaço em que nunca deveriam navegar sozinhos. Não aceitaremos mais isso", disse Sánchez ao discursar na Cúpula Mundial de Governo em Dubai, pedindo a outros países europeus que implementem medidas semelhantes.

Em dezembro, a Austrália se tornou o primeiro país a proibir as redes sociais para menores de 16 anos, uma medida que está sendo

acompanhada de perto por outros países que consideram medidas semelhantes baseadas na idade, como o Reino Unido e a França. Sánchez disse que a Espanha se juntou a mais cinco países europeus que ele chamou de "Coalizão dos Digitalmente Dispostos" para coordenar e aplicar regulamentações transfronteiriças. A Espanha também apresentará um projeto de lei, na próxima semana, para responsabilizar os executivos das redes sociais por conteúdos ilegais e de incitação ao ódio, bem como para criminalizar a manipulação algorítmica e a amplificação de conteúdos ilegais, disse Sánchez.

Entre as medidas que ele propôs está um sistema para rastrear o discurso de ódio online, enquanto as plataformas seriam obrigadas a introduzir sistemas de verificação de idade que "não fossem apenas caixas de seleção", afirmou. Ele acrescentou que os promotores vão mostrar formas de investigar possíveis infrações por parte do Grok, de Elon Musk, TikTok e Instagram.